



CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
Cinemateca Júnior
Palácio Foz – Praça dos Restauradores

LA TORTUE ROUGE / 2016

A Tartaruga Vermelha

Um filme de Michael Dudok De Wit

Realização: Michael Dudok De Wit / **Argumento:** Michael Dudok De Wit / **Adaptação:** Pascale Ferran e Michael Dudok De Wit / **Fotografia:** Michael Dudok De Wit / **Montagem:** Céline Kélépikis / **Música:** Laurent Perez Del Mar / **Som:** Piste Rouge / **Supervisão da Animação:** Jean-Christophe Lie.

Vozes: Emmanuel Garijo (pai), Tom Hudson (filho jovem adulto), Baptiste Goy (filho criança), Axel Devillers (bebé), Barbara Beretta (mãe).

Produção Artística: Isao Takahata / **Produção Executiva:** Prima Linea Productions / **Produção:** Why Not Productions – Wild Bunch – Studio Ghibli – CN4 Productions – Arte France Cinéma – BelVision / **Coprodução:** Eurimages / **Origem:** França, Bélgica / **Cópia:** Digital, cores, sem diálogos / **Duração:** 80 min / **Estreia Mundial:** 29 de junho, 2016 (França). Primeira exibição na Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema.



Michael Dudok de Wit é um realizador e ilustrador dos Países Baixos e LA TORTUE ROUGE é a sua primeira longa-metragem, realizada em colaboração com o já conhecido e prestigiado Studio Ghibli. Fundado por Hayao Miyazaki e Isao Takahata, este estúdio nipónico produziu filmes bem conhecidos dos frequentadores da Cinemateca Júnior, como PRINCESA MONONOKE, A VIAGEM DE CHIHIRO, O CASTELO ANDANTE e PONYO À BEIRA MAR. Os responsáveis do estúdio terão visto a belíssima e comovente curta-metragem FATHER AND DAUGHTER de 2001 e convidaram Michael Dudok de Wit, que tinha e continua a ter grande identificação com o estilo, as histórias e os temas dos filmes de animação do Studio Ghibli, para aí realizar uma longa metragem. E sente-se neste filme a influência de elementos presentes nas histórias japonesas, como por exemplo a atenção à natureza. Por meio da beleza da chuva, das ondas do mar, do vento, do nevoeiro, leva-nos numa viagem interior e simbólica à descoberta da união que existe entre nós, serem humanos, e a natureza.

LA TORTUE ROUGE abre com uma tempestade no mar, uma sucessão de ondas enormes e chuva constante num céu escuro e ameaçador. Um homem sozinho luta para se manter à tona da água

com grande dificuldade. Não sabemos se conseguirá sobreviver, se lhe será dada uma chance para chegar à terra firme. Mas a tempestade para e o naufrago chega a uma praia. Ao acordar, na companhia de divertidos caranguejos bem-dispostos, decide construir uma jangada para regressar ao local de onde veio. Mas a viagem de regresso é impossível, porque a jangada é destruída por uma força misteriosa que descobrimos ser uma tartaruga vermelha gigante. Porque será que a tartaruga impossibilita a fuga do homem?

O naufrago terá de enfrentar um novo desafio: ficar na ilha e esperar. Entretanto acontece o encontro com a tartaruga na praia. E num momento de raiva, num gesto desesperado e terrível, provoca a “morte” da tartaruga. Mais tarde, surpreendentemente, a tartaruga transforma-se num ser humano, uma mulher de longos cabelos ruivos. O homem e a mulher, os novos Adão e Eva no Paraíso, dão início a uma nova vida, numa relação sensível e delicada feita de gestos lentos, olhares curiosos e tímidos que, aos poucos, constroem uma relação de confiança. Um aprende com o outro. É uma união que dará início a uma nova geração, numa espécie de regresso às origens, em que o homem (vindo da civilização) terá que criar uma relação profunda com a natureza e consigo próprio, descobrindo os limites humanos e os limites daquele lugar. Será obrigado a ultrapassar os obstáculos naturais, desde os mais fáceis aos mais difíceis, tomando decisões e fazendo escolhas por vezes irreversíveis. Será aqui, nesta ilha, longe da civilização, que decide viver o resto da sua vida, juntamente com a mulher.

Os protagonistas não falam, não há necessidade de diálogos. O filme dá largo espaço à música e aos sons naturais, que nos transmitem fortes emoções. Como também a história, simples e minimal: a história passada, presente e futura de uma família envolta numa dimensão atemporal.

O filme tem numerosos momentos poéticos e sequências oníricas (por exemplo, o sonho do homem em que este foge através de uma ponte imaginária ou o sentimento de culpa deste em relação ao gesto violento para com a tartaruga), alternadas com sequências de forte impacto emocional (o tsunami, a partida do filho, e outros delicados momentos de união da família...). Mostra-nos um mundo em que um quarteto de cordas toca no meio do mar, ao luar, em que é possível voar ficando parado, e onde, de um casco de tartaruga pode surgir uma mulher lindíssima. Entre a magia e a realidade, entre a vida e a morte, cada coisa conserva dentro de si uma aura de mistério, capaz de constantemente criar espanto e surpreender.

O traço de Michael Dudok de Wit, fiel à técnica do desenho de linha e aguarela, confere aos protagonistas uma grande elegância e fluidez nos movimentos, e dedica muita atenção aos pormenores da paisagem, às suas cores, luzes e sombras.

Há um fio vermelho que une este filme às obras anteriores de Michael Dudok De Wit, que neles aborda o regresso às origens, à infância e aos sonhos de cada um, a uma dimensão mais natural e simples, à necessidade de amar, ao medo da solidão, à coragem de ousar... escolhendo sempre só imagens e música, sem diálogos.

Michael Dudok de Wit, no seu LA TORTUE ROUGE, mostra-nos o seu profundo respeito pela natureza, inclusive pela natureza humana, e transmite-nos um sentimento de admiração diante da imensidão da vida.

Neva Cerantola